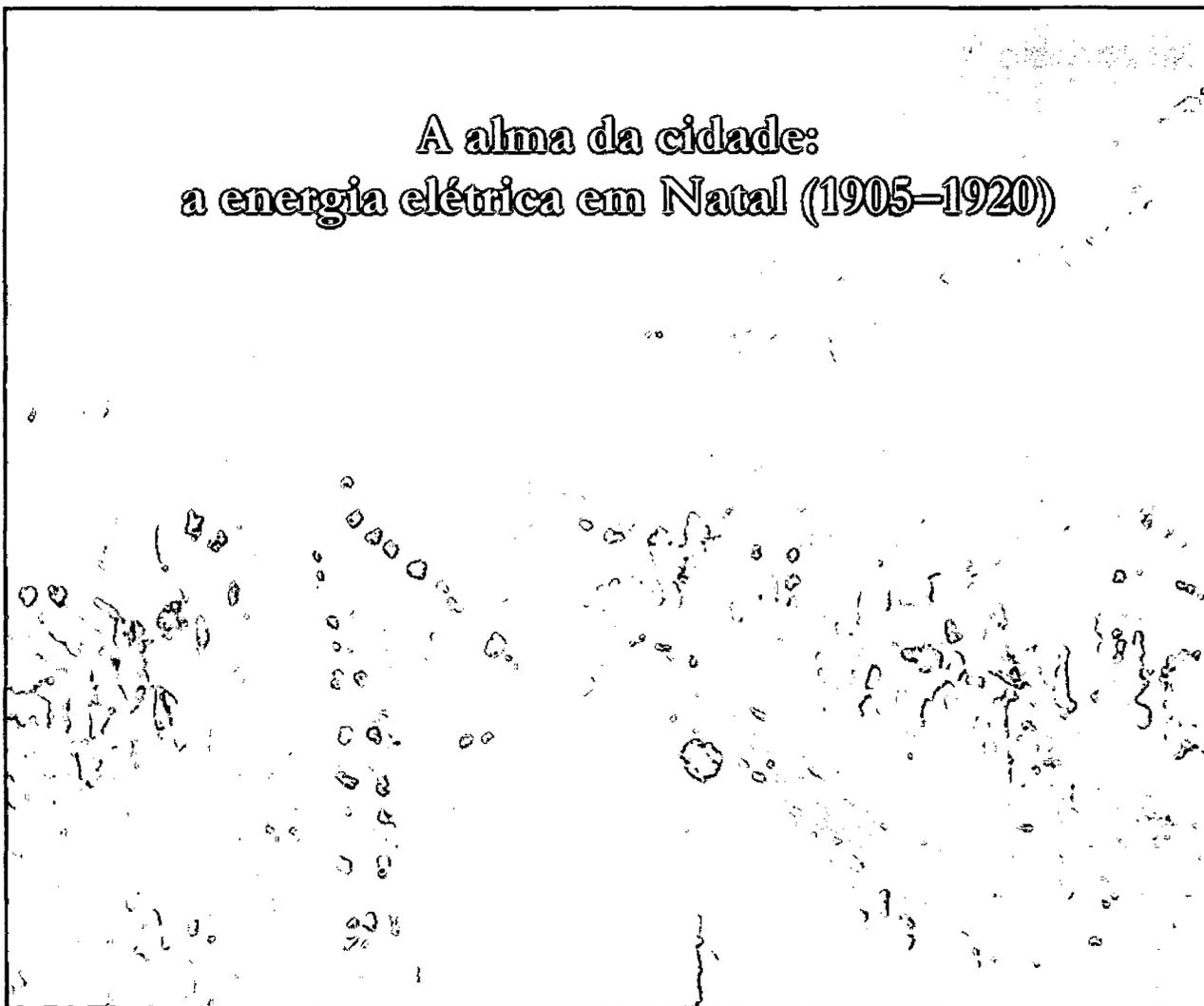


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

**A alma da cidade:
a energia elétrica em Natal (1905–1920)**



Alenuska Kelly Guimarães Andrade

**Natal / RN
2003
2002.2**

Alenuska Kelly Guimarães Andrade

MAA
10,000

A alma da cidade: a energia elétrica em Natal (1905-1920)

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela professora Dr^a Denise Mattos Monteiro, do curso de História da Universidade Federal do rio Grande do Norte, sob a orientação do professor Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais e co-orientação da professora Dr^a Angela Lúcia de Araújo Ferreira.

Natal / RN

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.”

(Italo Calvino)

**Este trabalho é dedicado a todos que
anseiam pela sabedoria enquanto
caminho para nos tornar melhores.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família que mesmo distante estar sempre presente em minha vida. Ao meu pai "Sérgio", ao meu irmão Junior e a minha irmã Liliane, minha grande companheira em todos estes anos de estudo e, especialmente, a minha amada mãe principal responsável pela pessoa que me tornei e minha grande amiga.

Ao meu pai "Nominando" pelos ensinamentos e carinho.

Aos outros membros da minha "pequena" família, tios e primos e a minha avô, pelas vezes que me fez rir ao perguntar o porquê de tanto estudo. Em especial a tia Ana, por ser uma segunda mãe para mim.

À família Vidal, pela paciência e apoio sem o qual não teria sido possível a realização deste trabalho, Roberto, Lúcia, Sérgio e Maria e, em particular a Simone pela amizade que espero cultivar.

A todos os professores do curso de História, todos à sua maneira contribuíram para a minha formação enquanto historiadora, em particular a prof^a Aurinete pela ajuda com a normatização do trabalho e ao prof^o Raimundo Arrais, pela sua valiosa orientação, carinho e apoio na elaboração deste Trabalho Final de Graduação.

Especialmente a prof^a Angela Lúcia de Araújo Ferreira pelos ensinamentos diários, apoio fundamental a minha formação como pesquisadora, como ainda, pelo carinho sempre demonstrado.

Aos os pesquisadores do grupos de "História da Cidade e do Urbanismo", em especial a Ana Caroline e George pelas discussões e incentivos.

A minha amiga Virgínia por todas as noites em que foi dormir com a luz acesa, para que eu pudesse estudar.

A todos os meus colegas de curso, os quais sempre me lembrarei com muito carinho.

Aos inúmeros amigos, Adriana, Andréa e Aldo, Abrahão, James, Judson, Clovis, Marquinhos, Déborah, Cristiane, ..., perdoem-me, os que não me vieram a mente neste momento.

A César pela grande ajuda com a diagramação do trabalho, naquela cansativa madrugada.

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte que, mesmo enfrentando grandes dificuldades, foram solícitos com o trabalho de pesquisa.

Por fim agradeço a Rodrigo Vidal, pelo amor, carinho, compreensão, apoio e companheirismo durante todo o curso e, principalmente, neste crítico ultimo semestre, com as leituras, correções e discussões enriquecedoras, sem os quais me seria impossível realizar este trabalho. Te amo!

SUMÁRIO

Lista de figuras

INTRODUÇÃO – Progresso, modernidade e ^l Luz.....	08
CAPÍTULO I – Do carrapato à <i>Tração, Força e Luz</i>	13
CAPÍTULO II – A cidade moderna como desejo de uma elite.....	24
CAPÍTULO III – Sombra, luz e velocidade.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	50

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1.1 – Praça Augusto Severo	15
Fig. 1.2 – Usina do Oitizeiro.....	18
Fig. 1.3 – Foto da avenida Tavares de Lira.....	22
Fig. 2.1 – Foto da Cidade Alta.....	26
Fig. 2.2 – Foto da Ribeira.....	26
Fig. 2.2 – Projeto Cidade Nova.....	27
Fig. 2.4 – Praça André de Albuquerque.....	31
Fig. 2.3 – Mapa com o percurso do bonde.....	32
Fig. 4.1 – Junqueira Aires.....	42
Fig. 4.2 – Monte Petrópolis.....	46

Introdução: Progresso, modernidade e Luz

O período de transição do século XIX para o XX foi marcado pela difusão da idéia de progresso civilizatório, baseado na crença do avanço da ciência e da tecnologia, possibilitando o triunfo da modernidade¹. Por isso, este período foi chamado de “A era da ciência” e “dos tempos das certezas”, uma vez que a ciência se impunha como forma de reduzir as incertezas humanas. Então, “a idéia de conflito parecia controlada pela fantasia do progresso, e os novos avanços técnicos traziam a confiança de um domínio absoluto sobre a natureza e os homens”².

As elites alimentaram a idéia de que o progresso da civilização era inevitável, idealizando um mundo moderno, moldado segundo os preceitos científicos e avanços técnicos, principalmente, pelo avanço da biologia e da medicina no final do século XIX, influenciando uma tendência mundial de se fazer uso generalizado do vocabulário extraído destas ciências. Neste contexto nasce o urbanismo como ciência ordenadora dos espaços físicos da cidade moderna, fundamentando as propostas de intervenção urbana nos princípios higienistas, para assim sanear, embelezar e dotar a cidade dos avanços da tecnologia. Assim os médicos sanitaristas ganham importância e passam a ditar as mudanças que transformariam a cidade num espaço moderno, sintonizado com o progresso almejado para a época.³

As exposições universais que aconteceram na passagem do século XIX para o XX são representativas do ideário de construção da civilização moderna. A cidade tinha de ser dotada dos avanços tecnológicos; as áreas centrais ganhavam destaque e a cidade assumia a obrigação de atestar o progresso, de educar pelo exemplo da salubridade, da ordem, como também, tornava-se o centro produtor de riquezas e centro de produção artística das vanguardas.

A energia elétrica foi a grande atração das Exposições Universais do final do século XIX. Elas tinham a finalidade de expor e exaltar tudo o que representasse o moderno. Assim, foi “efetivo o interesse da eletricidade como ‘moderna’ fonte de energia”. A eletricidade assumiu uma posição de destaque nessas exposições. De tal modo que a Exposição de Paris de 1881, foi conhecida também como Exposição Internacional da

¹ Acerca das mudanças ocorridas neste período ver: HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*.

² COSTA, Angela M., SCHWARCZ, Lilia M. *1890 – 1914*, p. 11.

³ ANDRADE, Alenuska K.G., OLIVEIRA, Manuela D., FERREIRA, Angela L.A. *Os hábitos de higiene e a “cidade moderna”*, p 02.

4
1951
Municípios
de
Cidade

Eletricidade, pelo fascínio que a eletricidade produziu nas pessoas. Afinal, “esta nova fonte de energia representou uma versão ‘moderna’ de ciência, capaz de produzir efeitos que ‘anteriormente’ eram associados a magia”.⁴ A luz elétrica continuou a ser a grande atração das exposições internacionais até o início do século XX, como a Exposição Universal de Paris, em 1900, também conhecida como “festa da eletricidade”.⁵

Um outro fator que elevou a importância da eletricidade como moderna fonte de energia foi a Segunda Revolução Industrial ou Revolução Científico-tecnológica, iniciada por volta de 1870 e caracterizada pela “aplicação das recentes descobertas científicas aos processos produtivos”.⁶ A partir daí, noutras regiões do planeta as descobertas científicas e inovações tecnológicas, basearam-se na utilização de novas fontes de potencial energético – petróleo e eletricidade –, promovendo mudanças em vários setores, como a indústria, medicina, farmacologia, higiene e profilaxia. Essas inovações nortearam o discurso de modernidade no início do século XX.

O referencial de cidade moderna da época era a capital francesa. De fato, Paris se tornará exemplo e ideal de modernidade a ser seguido pelas demais cidades brasileiras como modelo urbanístico. Nas “passagens”, espaço de contemplação, do consumo e do “flâneur”, enfim, o palco de modernidade do século XIX, a iluminação tinha papel importante. Elas “foram o cenário onde pela primeira vez se pode apreciar a iluminação a gás”.⁷

Assim, a iluminação fez parte do espetáculo da modernidade das cidades. A Capital Federal, Rio de Janeiro, foi a primeira cidade submetida ao ideal modernizador, sob a influência de modelos europeus como o de Paris e de Viena. Foi a primeira cidade brasileira a utilizar o gás acetileno na iluminação em 1828 sob encomenda de Dom Pedro I.⁸ Foi também no Rio de Janeiro que ocorreu em 1879, a primeira utilização nacional de energia elétrica, com a iluminação da Central do Brasil-RJ.⁹

O estudo do processo de introdução e desenvolvimento da energia elétrica na cidade de Natal, refletindo suas relações com o ideário da elite econômica, política e intelectual da cidade, no momento compreendido entre o final do século XIX e a década de

⁴ ROCHA, Amara S. de S. *A sedução da Luz*, p.05.

⁵ COSTA, Angela M.; SCHWARCZ, Lilia M. *Op. cit.*, p. 15.

⁶ *Ibid.*, p.20.

⁷ BENJAMIM, Walter. *Paris, Capital do século XX*, p. 06.

⁸ *Reflexos da Cidade*, p. 21. De acordo com o autor a primeira exposição pública de gás luminoso se deu em Londres em 1802.

⁹ MAGALHÃES, Gildo. *Força e Luz: eletricidade e modernização na República Velha*.

1920, origina-se de um estudo da História Urbana¹⁰ de Natal vinculado à base de pesquisa “Estudos do Habitat”, do Departamento de Arquitetura, mais especificamente ao grupo de pesquisa “História da Cidade e do Urbanismo”.¹¹

A pesquisa surgiu englobando uma das vertentes do grupo de pesquisa ao qual está vinculada. Ela propõe estudos relacionados as implicações das inovações técnicas nas transformações do espaço urbano. Porém, a elaboração do trabalho seguiu por caminhos que o levaram a se articular às outras duas vertentes de investigação: o papel das elites, política, econômica e intelectual, no processo de introdução das idéias de modernização e progresso, e as intervenções planejadas no espaço urbano.

Durante as duas primeiras décadas do século XX, Natal iniciou um processo de crescimento e transformação urbana. É este o período de desenvolvimento de serviços ligados a eletricidade, como os de iluminação e transporte. Portanto, a pesquisa se concentra neste corte temporal, mais detidamente sobre os anos de 1905 e 1920, o que se justifica pelo fato de que em 1905 se dá a introdução do gás acetileno como fonte de energia para iluminação da cidade, e 1920 por ser o ano em que o governo assume os problemas dos serviços elétricos, tornando-os um serviço público estadual, a partir da criação da Repartição de Serviços Urbanos de Natal.

Porém a investigação remete aos anos de 1850, quando Natal conhecia apenas a escuridão, pois para compreender o significado da introdução da inovação que é a energia elétrica, foi necessário inferir-se a história da luz, desde os tempos em que era obtida pelo azeite de carrapato, passando pelos lampiões de querosene e pelo gás, um período de grande a escassez de documentação pesquisável.

O trabalho aqui apresentado partiu da análise dos dados primários levantados pelo grupo de pesquisa “História da Cidade e do Urbanismo”, numa pesquisa empírica que se iniciou em 1997 e prossegue com o trabalho de bolsistas e pesquisadores. Os dados coletados levaram à criação de um importante banco de dados, ao qual se deve grande parte dos documentos utilizados. Foram imprescindível à elaboração do trabalho as matérias do jornal *A República* – órgão oficial do governo do Rio Grande do Norte. Ao cobrir a leitura deste jornal, entre anos de 1900 a 1920, foi possível “vivenciar” o ideário

¹⁰ Segundo Alfonso Álvarez Mora, a História Urbana observa uma relação entre os acontecimentos sociais com o espaço das cidades, para melhor compreensão do assunto, ver seu texto: *Problemas de Investigación en “Historia Urbanística”*.

¹¹ Coordenado pela professora Angela Lúcia de Araújo Ferreira.

da elite e da intelectualidade da época, bem como a convivência com o cotidiano da cidade no momento da introdução da energia elétrica em Natal. A trajetória deste melhoramento foi montada basicamente tendo como principal fonte de informação *A República*. As informações obtidas neste jornal são representativas das vontades da elite governante. Nelas foi possível verificar posturas antagônicas a partir das justificativas dadas aos atos governamentais.

Tendo em vista o aspecto de imprensa oficial d' *A Republica*, buscou-se também empreender uma pesquisa nos jornais de oposição, o *Diario do Natal* e *A Imprensa*. O primeiro foi fundamental para compreensão das contradições ideológicas e a disputa de poder travada à época. No *Diario* foram pesquisados os anos de 1900 a 1920: os serviços elétricos, neste jornal, eram vistos como desnecessários. Esse radicalismo com relação à introdução das inovações se caracteriza como uma postura diferente dos demais jornais de oposição da época, já que estes sublinhavam a importância das inovações e concentravam as críticas na forma como estavam sendo administradas. A postura observada n' *A Imprensa* é de crítica ao modo como eram realizados os serviços, porém a pesquisa neste jornal abarcou um espaço temporal menor, registrado-se apenas alguns meses dos anos de 1916 e 1919.

Tratando ainda das fontes utilizadas, devo dizer que foram pesquisados nas Mensagens de governo e nos Decretos de Leis do governo, os anos que se mostraram como fundamentais ao levantamento das informações necessárias à reconstituição histórica proposta. Sentiu-se necessidade de pesquisar nestes documentos oficiais, quando foi preciso averiguar informações obtidas nos jornais locais. Nas citações que constam neste trabalho foram mantidas a ortografia e a pontuação dos documentos originais, incluindo também os erros tipográficos e de redação, quando não comprometiam a leitura. Por fim, foram usadas as obras de autores que viveram e escreveram no início do século XX, como Henrique Castriciano e Eloy de Souza. Eles testemunharam a época, e registraram as características da vida na cidade de Natal.

Muita coisa muda no final do século XIX e princípios do XX na busca pelo progresso. A análise do trabalho parte do princípio de que a urbanização está neste momento ligada aos avanços técnicos introduzidos na cidade, como por exemplo a eletricidade. Deste modo, urbanização e eletricidade convergiam para o progresso.

O texto foi dividido em três capítulos: o primeiro levanta a trajetória dos serviços urbanos ligados a eletricidade, buscando identificar como se iluminou Natal, analisando a atuação das empresas que ao longo dos anos assumiram os serviços elétricos da capital. A energia elétrica vai desencadear uma série de benefícios, sendo aplicada na iluminação pública, iluminação privada e no bonde elétrico. O propósito desse capítulo é observar o modo como foram realizados os melhoramentos dos serviços elétricos, pelas as empresas concessionárias dos serviços de iluminação e transporte, também responsáveis por outros serviços urbanos, como os cuidados com água e lixo, serviços que serão indiretamente observados no decorrer do estudo.

O segundo capítulo demonstra os anseios das classes dominantes na busca do progresso técnico, da construção da cidade moderna, capitalista e das intervenções urbanísticas com a estrutura de poder vigente, localizando as ações das elites dentro do processo de formação da cidade moldada pela ordem social burguesa, baseada na acumulação de capital e introdução de inovações técnicas a vida urbana, como a expansão de redes de comunicação, transporte e iluminação.

Um terceiro capítulo, intitulado de *Da sombra à luz*, tem o propósito de analisar o que significou a introdução da luz artificial no espaço urbano e na vida das pessoas, buscando as mudanças sociais e culturais obtidas em consequência de novas formas de viver, a partir de um novo mundo, capitalista, moderno, progressista, civilizado, noturno e iluminado. Surgia uma cidade inteiramente nova com a presença de todas estas inovadoras forças.

Capítulo I: Do carrapato à Tração, Força e Luz.

A introdução da eletricidade em Natal integra uma série de melhoramentos da infraestrutura urbana no início do século XX, esses melhoramentos dotaram a cidade dos serviços de transporte urbano, abastecendo-a de água, esgoto, telefone e iluminação. A atuação das empresas concessionárias de tais serviços, os incentivos governamentais e empréstimos contraídos, com o fim de possibilitar a construção da infra-estrutura necessária e absorção dos avanços tecnológicos, viabilizam a modernização de Natal no início do século em Natal XX. De fato, na época “O fenômeno da modernização estava correlacionado com as realizações tecnológicas”.¹²

Em meados do século XIX, de acordo com Cascudo, Natal não possuía nenhum tipo de iluminação. Somente nas noites de festas, era organizada alguma, e mesmo assim iluminação era feita de forma rudimentar: “uma quenga de coco, casca de laranja, cheia de azeite de carrapato”¹³. Há matérias nos jornais locais que confirmam o depoimento de Cascudo, relatando a preocupação em iluminar a cidade em noites festivas, como casamentos e festas religiosas.

A prática se estendeu até o início do século XX, quando se utilizava um tipo de iluminação a lampiões de querosene e, ainda, após a inclusão da iluminação a gás acetileno¹⁴ no cenário urbano, como se vê na matéria sobre os festejos carnavalescos em 1910: “Promettem ser muito animados os festejos carnavalescos este anno, principalmente aqui na cidade alta, na Rua ‘Vigario Bartolomeu’ que, segundo nos informaram, vae ser toda decorada a capricho e profusamente illuminada a acetylene”¹⁵.

A Lei nº 255, de 1851, autorizava o presidente da província a comprar quinze lampiões, mas só em outubro de 1859, sob o governo do presidente João José de Oliveira Junqueira, inaugurou a iluminação pública de Natal com sessenta lampiões de azeite,

fenômeno é mais qual. confere.

¹² MAGALHÃES, Gildo. *Força e luz*, p. 13.

¹³ CASCUDO, *História da Cidade do Natal*, p. 299.

¹⁴ C₂H₂ – é o mais simples dos componentes orgânicos não saturados e compõe-se de 7,74% de Hidrogênio e 92,26% de Carbono. O gás acetileno é um produto não tóxico, obtido pela reação química entre o carbureto e a água, que quando inflamado e em contato com o oxigênio, arde com uma chama incandescente e bastante luminosa. Esta reação química é feita num dispositivo especial denominado gasômetro.

¹⁵ *Diário do Natal*, n. 3.881, p. 01, 1910.

espalhados pela Cidade Alta e Ribeira. O número porém, não era suficiente para iluminar as noites da cidade, que continuou às escuras.

Em 1883, o então presidente Francisco de Gouveia Cunha encomendou da Europa cem lâmpadas a querosene e mais os postes de ferro. Para tal serviço foi gasto 20\$000 mensais do Tesouro Provincial. Rocha Pombo afirma que “foi este o presidente que poz em melhores condições a iluminação da capital (...). Chegou no seu relatório a estranhar que não se tivesse realizado ali tal melhoramento, (...) sendo – acrescentava – (...) certo que uma capital não pode viver nas trevas”¹⁶. Assim, os lâmpadas entraram no século XX e as suas precárias condições perpetuavam a escuridão na cidade de Natal.

No ano de 1905 observam-se os primeiros esforços governamentais no sentido de resolver o problema da iluminação da cidade, tendo em vista a ineficácia e insuficiência dessa iluminação pública por lâmpadas de querosene. Para tanto, a Empresa de Francisco Gomes Valle Miranda e Domingos Barros – Empresa de Iluminação a Gás Acetileno – foi contratada para realização do serviço de utilização do gás acetileno na iluminação pública.¹⁷ O relatório de governo municipal, de 1905, sobre os melhoramentos realizados até então, afirma que a iluminação

*é má e extremamente escassa (...). Não sendo, pois, praticável uma reforma rápida e completa, procurei fazê-la paulatinamente e por trechos. É assim que, em acordo que firmei com o exmo. Governador, ficou combinado que no percurso da rua Silva Jardim à praça André de Albuquerque, as lâmpadas de kerosene, actualmente utilizadas na iluminação pública, seriam substituídas por outros tantos bicos de gaz acetyleno, (...) já muito adiantados, os trabalhos desta instalação devem achar-se concluídos até abril próximo.*¹⁸

A previsão de inauguração em abril, conforme constava no contrato, não se cumpriu, pois a inauguração dos serviços de iluminação pública e demais formas de aproveitamento da energia gerada a partir do gás acetileno, só se tornou possível em 29 de junho de 1905. Só então, a Empresa de Iluminação a Gás Acetileno de Francisco Gomes Valle Miranda deu início aos serviços de sua incumbência.¹⁹

¹⁶ CASCUDO, op cit. p. 300 e POMBO, *História do Estado do Rio Grande do Norte*, p. 346.

¹⁷ Ver A República Velha no Rio Grande do Norte de Itamar de Souza. De acordo com este, Valle Miranda era genro de Fabrício Maranhão. Usufruindo dos privilégios de possuir ligações com a Oligarquia dominante.

¹⁸ Jornal “A Republica”, n. 12, p. 01, 1905.

¹⁹ COSTA, *Quando a Modernidade vinha de Bonde*, p. 102

Esta empresa mudou a denominação em 1908, para Empresa de Melhoramentos de Natal, continuando sob a propriedade de Valle Miranda e Domingos Barros, sendo contratada pela administração pública do governo de Alberto Maranhão, em 1910, para se manter à frente dos serviços de iluminação. A partir de agora, ela passava a incorporar outros serviços urbanos, como o transporte público, como consta no Decreto de Lei nº 289 de 23 de novembro de 1910: “E’ aprovado o contracto celebrado em 6 de outubro deste anno, entre o Governo do Estado e a firma Valle Miranda & Domingos Barros, para a construcção e exploração das obras de saneamento e melhoramentos da capital”.²⁰

Como mostra a matéria do *A Republica* relatando o momento da inauguração do primeiro trecho de iluminação e bonde elétrico, a empresa tinha o encargo de melhorar o serviço de iluminação e de substituir o gás acetileno pela energia elétrica, desta forma “*La electricidad llega, pues, como rival (...)*”²¹ do gás. Como pode ser observado, iluminar Natal não era a única obrigação prescrita no contrato da Empresa de Melhoramentos de Natal. Entre as prescrições contratuais encontram-se a construção de um forno de incineração de lixo, a administração, manutenção e implementação do serviço de transporte urbano – o Bonde –, como ainda, do serviço de abastecimento de água da capital.²² Conferir foto do bonde:

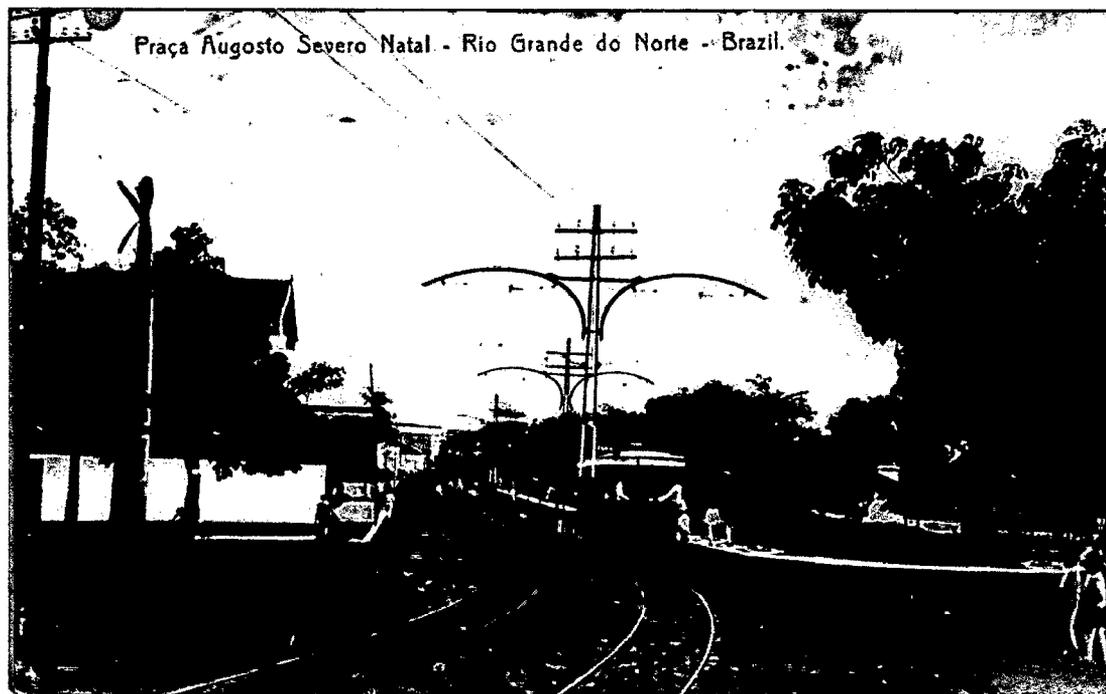


Figura 1.1: exemplo de bonde em Natal, na praça Augusto Severo
Fonte: DANTAS, 1998

²⁰ Decreto de Lei n. 289, 1910.

²¹ DETHIER, Jean, GUIHEUX, Alain. *Visões Urbanas*, p. 48.

²² Jornal “A Republica”, n. 126, p.02, 1911.

Numa outra matéria d' *A Republica*, os proprietários da Empresa assinam um texto que estabelece as obrigações do contrato acordado com o governo e prestam conta do andamento dos melhoramentos. Segundo este texto, a empresa tinha o compromisso de inaugurar em 06 de outubro de 1911 os serviços elétricos de Natal, enquanto para as restantes das obrigações tinham um prazo de cinco anos a contar da data de assinatura do contrato, o que dava como limite a data de 06 de outubro de 1913.

Acerca do serviço de transporte urbano, o número de carros é fixado em oito, dos quais cinco já se encontravam em tráfego. Ainda sobre os carros afirmam os empresários: "Conforme o que prometemos, os carros são sólidos, confortáveis e possantes, providos de aparelhos elétricos os mais modernos, e profusamente iluminados. Além destes oito carros, e portanto fora do nosso contrato, já fizemos encomenda de mais três outros."²³

A iluminação, quando realizada com a utilização do acetileno, contava com 220 combustores de 15 velas. O contrato previa a obrigação de fornecer 25 focos de 25 velas, iluminando a cidade três vezes mais pela mesma quantia paga anteriormente. Acerca da iluminação fornecida, informam os responsáveis pela *Empresa de Melhoramentos*:

Nossa iluminação é bastante poderosa para alimentar lâmpadas mais fortes. Nos jardins já temos os focos de 100 a 200 velas e encomendamos lâmpadas de 100 velas para iluminação da gala dos edifícios públicos. Poderíamos fazer o mesmo em relação as ruas si fosse ordenado e o Estado estivesse resolvido ao aumento considerável de despesa que representa a iluminação²⁴.

Deste modo a Empresa responsabiliza o estado pelas insuficientes condições da iluminação pública, afirmando a sua capacidade de fornecer uma iluminação mais eficaz, o que não estava sendo feito por falta de interesse do estado em resolver os problemas orçamentários e destinar verbas, e não privilegiando o fornecimento de uma iluminação mais poderosa para os edifícios públicos, como figura até ali.

A empresa encarregava-se também ^{para} da construção de uma ^{pilo.} forno de incineração de lixo e ^{do} abastecimento dos serviços de água. O forno encontrava-se pronto para entrar em funcionamento em fevereiro de 1912.

²³ Jornal A Republica, n. 12, 1912.

²⁴ Ibid.

Segundo os proprietários, as condições em que foi firmado o contrato eram ruins, tanto que nenhuma outra prestadora de serviço tentou fazer concorrência. Mesmo assim, afirmavam eles, os melhoramentos continuavam, “dentro do prazo serão todos uma feliz realidade que a colocará entre as cidades mais progressistas e florescentes do país.”²⁵

A ocasião da inauguração dos serviços elétricos de Natal foram comemoradas em um solene baile no “Natal Club”, no dia 07 de outubro de 1911, oferecido pelo governador Alberto Maranhão.²⁶

Estas realizações só foram possíveis em função de um empréstimo solicitado pelo governador Alberto Maranhão à França em 1909, no intuito de promover os melhoramentos e embelezamento da cidade. O empréstimo foi autorizado pelo governo do Estado até a “quantia de cinco mil contos de réis, ou trezentas e cinquenta mil libras esterlinas”.²⁷

De acordo com Denise Takeya, entre os anos de 1880 e 1914 as exportações de capital tiveram um importante papel nas relações comerciais da França com o exterior. A autora afirma que naqueles anos “as exportações de capital quadruplicaram em valores, o que garantiu que a França se mantivesse como segundo país exportador de capitais do mundo”.²⁸

A construção da Usina do Oitizeiro pela Empresa de Melhoramentos de Natal, com importante ajuda do governo e do referido empréstimo francês, foi o passo inicial para a eletrificação da cidade. Ela foi construída nas proximidades do Baldo, o antigo sítio do Oitizeiro, em seis meses. A usina dispunha de “uma grande bateria de acumuladores com capacidade suficiente para alimentar em toda a cidade durante a noite inteira.”²⁹

Conferir a Usina no sítio do Oitizeiro, nas proximidades do Baldo!

²⁵ Ibid.

²⁶ Jornal A Republica, n. 214, 1911.

²⁷ Decreto de Lei n. 270, 1909.

²⁸ TAKEYA, Denise M. *Europa, França e Ceará*, p. 37.

²⁹ Jornal “A Republica”, n. 209.p.02, 1911.



Figura 1.2: Usina do Oitizeiro
Fonte: LYRA, 2001.

A sociedade entre Francisco Valle Miranda e Domingos Barros foi desfeita no ano seguinte à inauguração dos serviços de iluminação e bondes elétricos, de forma que permaneceu a Empresa sob a propriedade de Valle Miranda.³⁰

Sem o sócio, o proprietário da Empresa de Melhoramentos de Natal, não conseguiu levar à frente os negócios. A população manifestou uma grande insatisfação com os serviços prestados pela empresa. Em 1912 as matérias que tratam dos assuntos elétricos traduzem a insatisfação da população em função da precariedade dos serviços. As reclamações se dão em relação às irregularidades nos horários dos *Tramways* (bondes), por estes apresentarem defeitos, ou ainda em relação aos pontos de parada, ao valor das passagens e pelo número de acidentes causados pelos *Tramways*.³¹

Em função desta insatisfação popular, a Empresa de Melhoramentos de Natal foi absorvida, em 1913, pela Empresa Tração Força e Luz Elétrica de Natal, de propriedade do coronel Alfredo Solon, que adquiriu, igualmente, a concessão para exploração de outros

³⁰ A Republica, n. 99, 1912

³¹ Ver, por exemplo o Jornal A Republica do ano de 1912 e Diário do Natal de 1912.

serviços urbanos em Natal, como abastecimento de água, coleta e incineração de lixo, fábrica de gelo e introdução dos serviços de telefonia.

Para obter recursos necessários aos melhoramentos de tais serviços, realizados até então de forma precária, seu proprietário associou-se a capitalistas de São Paulo e a empresa passou a ter sede na capital paulista. O coronel Solon, novo concessionário dos serviços urbanos, deu uma entrevista à *A Republica* em janeiro de 1913, informando a aquisição da Empresa de Melhoramentos e o motivo de sua associação com capitalistas paulistas. Fundando a empresa *Tração, Força e Luz Elétrica de Natal* “com sede na cidade de São Paulo, a qual esta aparelhada não só para executar todos os serviços contractados com o Governo do Estado, como talvez para estender trilhos, luz e força as cidades de Macaíba, Tirol e Praia do Morcego, ainda construir uma estação balneária moderna (...)”.³²

A atuação da Empresa de *Tração Força e Luz Elétrica de Natal* não resolveu os problemas da cidade referentes à iluminação e transporte, continuava o descontentamento popular e a deficiência de tais serviços urbanos, chegando a ponto de em 1916 dar-se uma manifestação popular contra o patrimônio da empresa o ato foi visto como irritante, relatado pela imprensa como “atos de violência e selvageria” por outro lado, o governo defendeu a imprensa:

*mostrou as medidas que a policia teve de tomar para garantir a ordem publica e evitar que se danificasse o material de uma Empresa, que é simples arrendatária de serviços pertencentes ao Estado e declarou que, perante ao Governo, a Empresa cumpria as obrigações constantes ao seu contracto (...) e si falhas havia nos seus serviços (...) não chegava ao conhecimento do Governo que desejava tudo conhecer (...)*³³

As pessoas reclamavam por motivos as freqüentes interrupções dos serviços de transporte e de iluminação pública e privada. O Governo respondeu às reclamações com argumentos de que só por meios legais poderia intervir na situação e de que, de nada adiantava a pressão popular, ressaltando que a realização dos melhoramentos que as pessoas tanto reclamavam, estavam encontrando dificuldades originadas da conflagração européia, que, em função da substituição das importações, tornava difícil o acesso ao

³² *A Republica*, n.10, 1913

³³ *A Republica*, n. 239, p, 1916.

combustível necessário à produção de energia. E concluía, ainda que “se o serviço não é bom, pior é ficar sem elle”.³⁴

Assim, prosseguiam os serviços urbanos de Natal, sob o regime de concessão ~~dos serviços urbanos~~ à empresas privadas, ao mesmo tempo em que as empresas concessionárias mantinham-se sob a proteção do governo, dependendo de incentivos e verbas governamentais para realização dos melhoramentos. De modo que a responsabilidade dos serviços eram partilhadas entre as empresas concessionárias e os órgãos governamentais. Portanto, a inadimplência na prestação dos serviços urbanos era responsabilidade tanto das empresas quanto do Estado.³⁵

A Empresa *Tração Força e Luz Elétrica de Natal* se defendeu das acusações públicas expondo em matéria do *A Republica* uma comparação dos serviços que prestava e de sua infra-estrutura, comparando-a com a situação existente no momento da aquisição da *Empresa de Melhoramentos de Natal*. A empresa reforçava o argumento da guerra como um elemento que dificultava a aquisição de combustível, um dos motivos que impedia uma melhora significativa nos serviços. Ainda assim, eles ponderavam que as melhorias evoluíram bastante se comparadas com aquelas da época da *Empresa de Melhoramentos de Natal*.

Fazendo uma comparação com a situação do momento da aquisição da *Melhoramentos de Natal*, os proprietários ressaltavam como uma grande conquista o fato de não mais precisar recorrer ao gás acetileno para realizar a iluminação, o que só foi possível após a realização de reformas na usina do Oitizeiro. Transformando estas informações num quadro, podemos visualizar melhor:

³⁴ Ibid

³⁵ A Republica, n.239, 1916.

Quadro 1: Evolução do desempenho dos serviços urbanos

Melhoramentos	<i>Empresa de Melhoramentos de Natal</i> 1912	<i>Empresa de Tração Força e Luz de Natal</i> 1916
Usina	Dois geradores de 60 KW e dois de 75 KW.	Substituição por geradores trifásicos de 6.000 volts, 50 períodos e aparelhos de 1.000 HP de capacidade, construção da sub-estação e montagem de dois grupos de conversores de 3000 HP, totalizando 480 KW.
Tramways	Quatro carros e cerca de 5 Km de linhas.	Um desenvolvimento de cerca de 7 Km, montagem de novos carros motores de passageiro e carga, construção de carros para transporte de carne verde.
Abastecimento de água	Pequena rede de tubos de ferro, com diâmetros eram de duas ou três polegadas, abasteciam no máximo 250 prédios.	Construção de novos poços, montagem de dois reservatórios de ferro e de bombas centrífugas e reparação do moinho de vento, os tubos chegam a 8 polegadas com o desenvolvimento de 21.158 m.
Coleta de lixo	A coleta feita com força animal e o forno não funcionavam, a incineração era feita ao ar livre nos terrenos da empresa.	Remodelação completa do serviço de transporte e incineração de lixo e colocação de novos ventiladores.
Fabrica de gelo	Produção diária de 500 quilos.	Aumento do prédio e montagem de nova máquina com produção de 5 toneladas diárias.

Fonte: Elaboração própria com base em matéria do Jornal A Republica, n° 269, 1916.

Além dos serviços expostos na tabela, a *Tração Força e Luz de Natal*, trouxe para a cidade os serviços telefônicos, com a montagem do centro telefônico na avenida Tavares de Lira, assentamentos de postes cruzetas e linhas com desenvolvimento de cerca de 7 Km. Ver foto da avenida:³⁶

³⁶ A Republica, n. 269, 1916



Figura 1.3: Nota-se o detalhe nos postes, que tinham tanto que iluminar quanto ornamentar a cidade.
Fonte: DANTAS, 1998.

Insatisfeita com serviços prestados pela *Empresa de Tração Força e Luz*, que atuou até a década de 1920, a partir de quando o governo do estado assumi os serviços criando a Repartição de Serviços Urbanos de Natal, a população continuou a pressionar os órgãos governamentais, no intuito de conseguir maior qualidade para os serviços urbanos de iluminação pública e particular, como também para os serviços de transporte urbano, água e coleta do lixo.

A responsabilidade da empresa era extensa, compreendia os serviços ligados a Higiene, a salubridade urbana e a velocidade. Naquele início de século esses tópicos passaram a ser considerados como imprescindíveis a uma capital que buscava acompanhar o progresso de uma nação que, em todas as suas grandes cidades, a começar pela Capital Federal, buscava introduzir inovações técnicas no meio urbano, o aformoseamento das ruas e praças e adota novos padrões culturais, baseados na construção e desenvolvimento de uma cidade moderna.

Os investimentos governamentais direcionados a urbanização da cidade, nos anos de 1910 e 1911, podem ser visualizados nos quadros:

Investimentos (do governo estadual) em Natal					
Item	1910	Valor (em Contos de Reis)	Item	1911	Valor (em Contos de Reis)
Calçamento		19:795\$013	Calçamento		95:605\$013
Hospital Juvino Barreto		3:290\$830	Jardins e praças públicas		36:708\$588
Penitenciária		33:000\$	Arborização		1:207\$
Arborização		1:207\$	Teatro Carlos Gomes		149:400\$680
Teatro Carlos Gomes		30:694\$650	Avenida Tavares de Lyra		38:325\$930
Parque Estadual		780\$040	Avenidas na Cidade Nova		28:993\$272
Polígono de tiro Deodoro da Fonseca		4:217\$880	Avenida Junqueira Ayres		4:300\$
Avenida Tavares de Lyra		18:263\$350	Inspetoria de Higiene		9:300\$023
Asilo Padre João Maria		540\$			
Palácio do Governo		743\$300			
Avenidas 9 e 10 na Cidade Nova		2:044\$340			
Atheneu norte-rio-grandense		1:230\$			
Armazém do almoxarifado		15:060\$620			
Quartel de Segurança		9:136\$192			
Estação do Porto do Padre		7:212\$050			
Armazém para Inflamáveis		19:618\$625			
Inspetoria de Higiene		102\$500			
Para um total de		166:936\$390	Para um total de		877:908\$795

Fonte: DANTAS, 2003.

Investimentos em Natal – 1911	
Item	Valor (em Contos de Réis)
Calçamento	95:605\$013
Jardins e praças públicas	36:708\$588
Arborização	1:207\$
Teatro Carlos Gomes	149:400\$680
Avenida Tavares de Lyra	38:325\$930
Avenidas na Cidade Nova	28:993\$272
Avenida Junqueira Ayres	4:300\$
Inspetoria de Higiene	9:300\$023
Para um total de	877:908\$795

Fonte: DANTAS, 2003

Capítulo II: A cidade moderna como desejo de uma elite

A elite natalense do início do século XX era representada pela oligarquia Albuquerque Maranhão e seu líder maior Pedro Velho. A família Maranhão se manteve no poder do Rio Grande do Norte por cerca de vinte e oito anos, tendo assumido o poder após a proclamação da República em 1889. A família possuía tradição nas lutas contra a monarquia e na defesa dos ideais republicanos, desde o martírio de André de Albuquerque Maranhão, chefe do movimento republicano de 1817.³⁷

A Oligarquia Maranhão representava tanto o poder político quanto o econômico. Era segundo Itamar de Souza, “representativa da economia agro-comercial-exportadora do Rio Grande do Norte”³⁸, o que possibilitou aos seus representantes uma considerável formação intelectual. Conhecedores do mundo europeu, puderam se maravilhar com as novidades do “engenho humano” pelo mundo. Sobretudo, com um deles, Alberto Maranhão,³⁹ nasce o anseio de transformar Natal numa cidade moderna, antenada com o progresso mundial, o que era indispensável para o status de capital moderna, antenada com o progresso mundial, o que era indispensável para o status de capital. Portanto, priorizou durante seu governo a execução de melhoramentos urbanos e introdução de inovações técnicas, no intuito de modernizar o espaço. Na busca de concretizar o seu ideal de modernidade investiu enormemente em educação, pois uma a instrução passou a ser vista como indispensável a um povo que buscava civilizar-se.⁴⁰

Inserido-se em uma tendência mundial de universalização do capitalismo, as colônias latino-americanas, como o Brasil, foram seduzidas pelo mito de que a civilização ocidental burguesa promoveria a sociedade do bem-estar, a partir do desenvolvimento da técnica e da ciência. Aos poucos as aristocracias agrárias coloniais do Brasil foram “assumindo formas burguesas de pensar e agir”. E em consequência, é neste momento que

³⁷ SOUZA, Itamar. *A República Velha no Rio grande do Norte*, p.117.

³⁸ *Ibid*, p. 117.

³⁹ Para saber mais sobre a Oligarquia Albuquerque Maranhão ver Itamar de Souza em *A República Velha no Rio grande do Norte*.

⁴⁰ OLIVEIRA, Giovana P. de. *A elite e as transformações no espaço urbano*, 1997.

“se introduzem máquinas, técnicas, hábitos e valores da sociedade burguesa em ascensão”.⁴¹

A modernidade almejada era adequada aos interesses das elites. Portanto, as melhorias na cidade foram dirigidas de acordo com as necessidades desta classe, que “tinha conhecimento dos progressos técnicos e dos novos rumos da civilização europeia”⁴², de modo que as prioridades da elite potiguar no poder do início do século XX se davam sob alegação de progresso.

A elite local idealizou transformações radicais para o conjunto urbano da cidade de Natal, no intuito de construir uma cidade em oposição à cidade colonial. Os princípios higienistas nortearam os melhoramentos, pois a primeira preocupação era tornar a cidade saudável. Daí a negação à cidade colonial vista como símbolo de atraso e insalubridade. O mesmo processo ocorreu em outros centros urbanos do Brasil, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Natal estava constituído, até então, por apenas dois bairros oficiais: a Cidade Alta, núcleo originário e de caráter habitacional, e a Ribeira, centro comercial e portuário. O melhoramento da infra-estrutura urbana, a inclusão dos serviços de água, esgotos e lixo ligavam-se ao sanitarismo e passaram a ser vistos como essenciais ao desenvolvimento da cidade, ligando-se à saúde e bem-estar da população. Por isso, questões referentes à higiene entram em cena neste período e passam a determinar toda e qualquer intervenção urbanística. Estas intervenções vêm, portanto, concretizar parte do ideal urbano da oligarquia dominante de “construir uma cidade radicalmente nova, em oposição àquela herdada do período colonial”.⁴³

As imagens a seguir mostram respectivamente, os bairros de Cidade Alta e Ribeira:

⁴¹ PESAVENTO, Sandra J. *Exposições Universais*, p. 57.

⁴² *Ibid.*, p. 60.

⁴³ FERREIRA, Ângela, et al. *Uma cidade sã e bela*, p.46.

Panorama da Baía e norte da Cidade Natal - Rio Grande do Norte - Brazil.

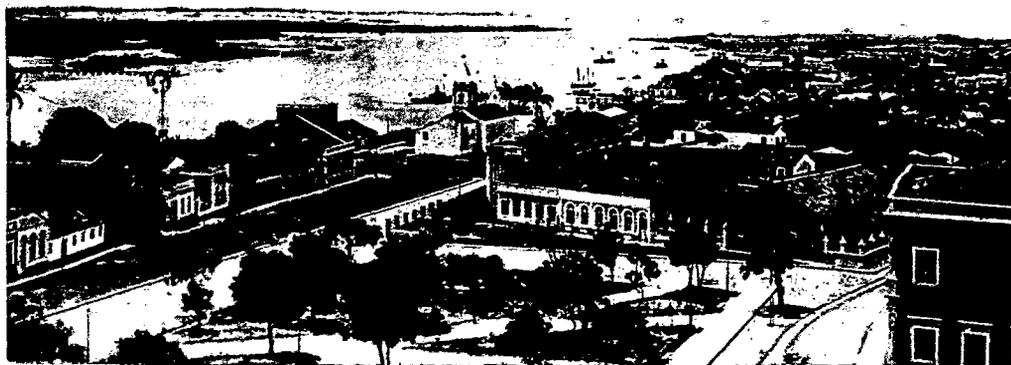


Figura 2.1: Panorama da Cidade Alta, já com os trilhos do Bonde.
Fonte: DANTAS, 1998.

Rua do Comercio.
Natal. Rio Grande do Norte.



Figura 2.2: Rua do Comércio na Ribeira, destaque para o poste de iluminação.
Fonte: Dantas, 1998.

Para concretizar o ideário das classes dominante, projetou-se o primeiro plano de urbanização da cidade de Natal, o de construção do bairro Cidade Nova. O projeto de construção de uma nova cidade atendeu aos anseios das elites locais de construir, reformula a cidade, tendo em vista a relação saúde e beleza que era característica do

urbanismo influenciado pelos paradigmas higienista no início ^{quando?} do século⁴⁴. O projeto de planejamento de um novo bairro, Cidade Nova, foi elaborado pelo técnico agrimensor Antônio Polidrelli e deu origem aos bairros de Petrópolis e Tirol, dentro de um plano de “modernização à européia” que fazia parte de um “projeto” de civilidade burguesa⁴⁵.

Ver mapas do projeto para o bairro Cidade Nova:



Figura 2.2: Projeto do Planejamento Cidade Nova.
Fonte: MIRANDA, 1981.

A preocupação com a higiene ultrapassou o âmbito público, invade as residências e afeta o comportamento da população, interferindo nos aspectos mais íntimos dos hábitos pessoais. Os costumes e hábitos da população tinham que se adequar as novas práticas de produção e ao uso dos inventos da época, como por exemplo, as novas fontes energéticas – eletricidade e petróleo⁴⁶.

É importante ressaltar que o projeto da Cidade Nova, baseado em princípios higienistas, configura no imaginário de uma elite em ascensão, que almejava produzir um espaço moderno, capaz de representar todo seu poder econômico, tendo como referencial o universo europeu e Paris como modelo.

Na implantação de um plano de expansão, com as dimensões do plano Cidade Nova, os problemas sociais eram vistos sob um enfoque técnico salubrista, segundo o qual as doenças causadas pela insalubridade da cidade foram vistas como um dos principais males sociais a serem enfrentados, ou seja, a solução era promover a construção de uma cidade sem problemas de salubridade. Portanto, a visão sanitaria resolveria assim com o principal problema social da época – o risco constante de epidemias. Deste modo, Cidade Nova reflete o ideário da época, em que se buscava a todo custo alcançar o progresso, conferindo à cidade uma aparência moderna.

⁴⁴ Acerca da relação saúde e beleza ver capítulo 5 de: ARRAIS, Raimundo P. A., *O pântano e o riacho*, 2001.

⁴⁵ FERREIRA, Ângela, et al. Op cit, p.5.

⁴⁶ Sobre as mudanças de hábitos no início do século, ver: NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil*, 1998.

no Brasil, em São Paulo 9

A luz elétrica e o bonde foram introduzidos a maioria das capitais brasileiras para suprir uma necessidade de desenvolvimento industrial e de transporte urbano. De acordo com a imprensa, representada pelo *Diário do Natal*, no caso de Natal os serviços elétricos não se configuravam numa necessidade, os melhoramentos satisfaziam os anseios de modernidade da elite local, na sua busca em equiparar-se às cidades modernas, como o Rio de Janeiro, a capital federal. Assim, a cidade de Natal, ainda provinciana e com uma pequena população, de 9.900 habitantes⁴⁷, não possuía uma urgência em relação aos serviços de iluminação e transporte públicos. É o que defendia o *Diário do Natal*:

*Quanto a luz e Bonds electricos dissemos que Natal não estava ainda de tel-os e dissemos uma verdade. Cidade pequena, pobre, mal edificada com ruas esburacadas e de, casebres ordinários era uma extravagância illumina-la à luz electrica, tanto mais já se tendo um serviço de illuminação a acetylene montado e funcionando regularmente. O mesmo dissemos quanto ao bonde, accrescentando que o movimento da cidade era muito pequeno e pois não havia ainda necessidade de bondes electricos, melhoramento que podia ser adiado perfeitamente para quando o Estado estivesse em condições mais prosperas 'E mentira que tenhamos feito elogio da tracção animal e da luz de azeite de carrapato'*⁴⁸

Ao mesmo tempo em que o momento da inauguração da eletricidade de Natal foi ressaltado com entusiasmo pela imprensa da cidade, a introdução do bonde e da energia elétrica era tida como uma necessidade indiscutível, pois uma capital não podia continuar sem tais melhoramentos, sendo estes essenciais ao crescimento e funcionamento da cidade. N' *A República* uma crônica em regozijo ao melhoramento realizado para a capital tratou do assunto:

*procuramos
em os
autômatos
commissões
de trabalho?*

*Seja essa crônica de hoje dedicada as alimárias pacientes, sofredoras e beneméritas que são esses burros cujo martírio termina, agora, com a inauguração da viação elétrica da capital. Quem conhece a atitude desta folha, em favor dos melhoramentos materiais cuja a inauguração hoje se inicia, quando nossos adversários tentavam criar toda sorte de embaraços a sua realização, pode bem avaliar a grande emoção consoladora que nos domina neste momento, em que nos é dado ver desfilar pelas ruas da cidade festiva, anchendo-as de vida e de encanto, os primeiros vehiculos, portadores da nova alviçareira de que já são um facto, a recomendar o nome do Governador do Estado, os serviços de illuminação e bondes eléctricos (...) a illuminação inaugurada hoje consta, além das ruas percorridas pela linha de bondes, das ruas Dr. Barata e Conceição.*⁴⁹

⁴⁷ Dados de Recenseamento de 1900.

⁴⁸ *Diário do Natal*, 1911,

⁴⁹ *A Republica*, n. 209, 1911

Ao acusar o jornal concorrente de criar “toda sorte de embaraços” no que diz respeito a inauguração dos serviços elétricos de Natal, *A Republica* afirmação responde à matéria publicada no *Diario do Natal* (citada anteriormente) que criticava tais melhoramentos e questionava sua necessidade naquele momento para a cidade, e ainda acusava o governo de privilegiar os melhoramentos que concretizassem os anseios da elite de embelezar e modernizar a capital, deixando de lado os problemas sociais que assolavam Natal. *quis?*

A discussão travada entre estes dois grupos da imprensa, corresponde a uma luta de interesses e forças políticas, ou seja, discussão que pode parecer pontual, mas revela um conflito entre grupos políticos que se enfrentavam na disputa pelo poder. Elias Souto, dirigente do *Diario do Natal* no período e era “o representante mais típico da nostalgia pela monarquia”⁵⁰, tinha uma postura política independente e se colocava claramente contra o governo e os melhoramentos, sob a alegação de que as melhorias favoreciam apenas as elites. // De modo que os discursos conflitantes destes grupos da imprensa local, representava, também uma disputa de poder entre republicanos e saudosistas do regime monárquico.⁵¹ //

Como consequência do confronto entre grupos da imprensa pelo poder é comum encontrar acusações diretas aos órgãos governamentais, representado neste momento pela família Albuquerque Maranhão. No *Diário de Natal* são constantes as matérias, em verso e prosa, criticando tanto os melhoramentos modernistas como a forma como são realizados, como esta:

*Para melhora de muitas, temos cá pela capitania praga de
melhoramentos, que se fossem feitos pela concurrencia talvez custassem o
terço do dinheiro porque foram executados.*

*P'ra melhorar-se muita gente boa
Comprava casas para detenções,
Dentro do orgam desses maranhões*

*Somente um dia que já vem raiando
O pobre povo irá saber de tudo.
Do que gastou-se e vive-se gastando
Do consumido pelo Zé Timbudo.⁵²*

⁵⁰ BUENO, Almir de C., *Visões de República*, p. 266.

⁵¹ Para maior da compreensão dos grupos políticos da época ver: BUENO, Almir de C., *Ibid*, p. 266.

⁵² *Diario do Natal*, n. 209, p. 01.

Em função destas contradições pode-se também discutir se a urbanização e a introdução de melhoramentos se configurava como uma necessidade estrutural ao funcionamento da cidade ou, apenas, concretizava os anseios das elites de integrar Natal na rota do progresso da civilização mundial.

função estrutural?

Não se pretende aqui determinar se as inovações introduzidas na cidade eram uma necessidade urgente ou um capricho das elites e sim discutir as contradições e entraves políticos ligados a aquisição de inovações de Natal à época. Porém é importante ressaltar que outras capitais brasileiras já possuíam energia elétrica e usufruíam dos seus benefícios – sendo dotadas de bondes elétricos e cinemas –, quando se deu a implementação da eletricidade em Natal. Assim pode-se pensar que os serviços não se configuravam uma necessidade de infra-estrutura decorrente de um aumento populacional e/ou crescimento econômico e industrial, mas sim uma necessidade de se modernizar, de elevar-se ao padrão de modernidade das demais capitais do país, uma vez que “a elite dirigente (...) incorporou a urbanização como uma necessidade premente de uma sociedade que precisava ‘civilizar-se’ ”.⁵³

O progresso implicava em construir em Natal um meio urbano livre das epidemias e dentro dos princípios de salubridade, como também promover o seu embelezamento e uma maior dinâmica urbana, através da introdução de serviços urbanos de transporte e iluminação. Deste modo, os serviços elétricos se mostraram como embelezadores representativos de progresso e modernização, ornamentando os espaços de passeio público, como na foto do Jardim:

⁵³ ROCHA, Amara. Op cit, p. 02.



Figura 2.4: O ajardinamento da cidade, foi considerado de suma importância para modernização de Natal.
Fonte: DANTAS, 1998.

Preparando, também, a cidade para os tempos modernos da industrialização, aumento populacional e prevendo sua expansão. Visto que as modificações promoveram o crescimento físico da cidade e a ocupação de áreas antes desabitadas.

De acordo com Flávio Villaça, o simples desenvolvimento do transporte de energia não produz modificações no espaço intra-urbano. Pois a estruturação deste espaço é “dominada pelo deslocamento do ser humano”, ou seja, pelo desenvolvimento dos meios de transporte urbano.⁵⁴

O desenvolvimento dos transportes possibilita o acesso aos espaços vazios, fazendo crescer o interesse das pessoas por determinadas regiões, assim proporcionando a expansão da cidade e ocupação de novas áreas. Deste modo, os “transportes desempenham papel fundamental na estruturação do território”.⁵⁵

Essa percepção é reproduzida em Natal no início do século XX, conforme se pode ver no artigo abaixo:

⁵⁴ VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-urbano no Brasil*. p. 18. O autor conceitua “espaço intra-urbano” como sendo as regiões “comprometidas com o componente urbano do espaço regional” e que se encontra dentro dos limites da cidade.

⁵⁵ *Ibid*, p. 331.

*O Alecrim é o bairro do futuro.
 Disto, acabamos por se convencer hontem, quantos estiveram presentes a inauguração do ramal eléctrico que fica magnificamente a servir.
 Uma linhazinha de Tramways rápidos, cômodos e baratos, estavam a calhar: os senhores verão como aquilo vai prosperar ainda mais, aumentando extraordinariamente o número de habitações nas vizinhanças do Cemitério Veneravel⁵⁶*

O bairro do Alecrim servia de moradia as classes operárias, após a implementação dos bordes eléctricos o bairro aproximou-se do centro da cidade, a nova acessibilidade do local, em função do bonde, o tornou um ponto de atração para moradia.

Essa relação entre transporte e expansão, pode ser vista no mapa da abaixo:



Figura 2.3: O traçado em vermelho representa os caminhos das linhas de bonde em Natal no ano de 1926. Portanto demonstram as direções da expansão da cidade.
 Fonte: DANTAS, 1998

Deste modo os caminhos dos trilhos do bonde – produto da eletricidade – produziram os caminhos da expansão, ordenação e progresso da cidade de Natal no início do século XX. Portanto, a eletricidade como força impulsionadora dos bondes, tem sua importância no processo de crescimento físico da cidade. O bonde eléctrico encurtou as distâncias, aproximando os bairros Cidade Alta, Ribeira e Alecrim. Do mesmo modo, suas

⁵⁶ A Republica, n. 247, p. 01, 1911.

linhas
 de bonde
 em Alecrim?

linhas “estimularam a ocupação da Cidade Nova”.⁵⁷ Assim, os bondes elétricos aumentaram a dinâmica urbana da cidade, representando para as pessoas um grande símbolo de progresso, expressavam também a velocidade, fenômeno característico do mundo moderno.

⁵⁷ SANTOS, Enilson M. dos; QUEIROZ, Luiz Alessandro C. *Transportes e expansão Urbana*, p. 472.

Capítulo III: Sombra, Luz e Velocidade.

O início do século XX em Natal é marcado pelo aparecimento de novas sensibilidades urbanas, novas formas de viver e de pensar o espaço urbano. A população provinciana da pequena cidade de Natal passou a conviver com os ideais de modernidade e progresso proclamados pelas elites e governantes.

Os planos elaborados e idealizados para a urbanização da cidade traduzem o ideário almejado. Do mesmo modo, a produção literária dos intelectuais da cidade de Natal do início do século XX, pode ser considerada como reveladora do pensamento e ideal de modernidade da época.

Ao ler a produção intelectual da época, pode-se notar que os pensadores, poetas e escritores norte-riograndenses, receberam forte influência dos valores burgueses, que vigoravam nos centros adiantados do capitalismo. Assim a introdução de melhoramentos e novas tecnologias ao meio urbano serviram muitas vezes como inspiradores para os que viveram e comentaram a época. Eles podem ser chamados de cronistas da modernidade.

Sobre a eletrificação da cidade de Natal, como uma inovação que colaborava com a elevação da cidade ao status de cidade moderna, cabe observar que “o início da eletrificação neste período, foi emblemático revelando um imaginário rico em representações simbólicas”⁵⁸. Sendo um dos aspectos ligado a aquisição da modernidade, ela foi vivenciada e relatada por esses cronistas.

É importante notar que a eletrificação do Brasil teve duas etapas: uma primeira entre os anos de 1880 e 1920, contendo representações simbólicas ligadas aos ideais de modernização, a exaltação pela república e a valorização do urbanismo e saneamento. Uma segunda etapa, após a década de 1920, associada à eclosão da industrialização em algumas capitais brasileiras.⁵⁹

No caso de Natal, a eletrificação da cidade se deu sob a influência de uma modernização da cidade que associou o deslumbramento com a luz, à liberdade e à república. Neste momento da urbanização da cidade a eletrificação apareceu ligada ao saneamento, os relatos da época sempre afirmam a necessidade de implementar o

⁵⁸ ROCHA, Amara. Op cit. p. 02.

⁵⁹ MAGALHÃES, Gildo. Op. cit., p. 14.

saneamento e introduzir os melhoramentos dos serviços da capital, de modo que o saneamento ganha destaque sobre os demais serviços de infra-estrutura urbana de que necessitava a cidade, o que pode ser explicado em função da influência dos princípios higienista sobre o urbanismo da época. São essas as características que vão influenciar o imaginário da elite intelectual natalense e nortear suas idéias em relação às inovações introduzidas na cidade.

A eletricidade e seus produtos, possibilitam uma maior sociabilidade em função da construção de áreas de passeio e dos bondes elétricos, aumentando os encontros entre as pessoas. Cronistas da época consideravam os bondes como a *Alma da Cidade*, por isso, desejavam que

os dias fossem longos e as noites (...) intermináveis, para gosar-os nesses veículos, boms ou maos (que importava?) contando que estivesse a cada momento e a cada instante vendo e em contacto com toda a cidade, com todos os seus habitantes, com os que viessem de perto ou de longe. (...) Uma cidade sem bond é uma cidade sem vida, porque o bond é a alma das cidades. (...) Tudo se encontra ali. (...) O bond acolhe a todos sem distinção de classe, de cor, ou de politica. (...) o bond, além da alma, é o pulso das cidades: pelas ruas percussões, isto é, pelo movimento dos bonds advinham-se os estados de excitação ou depressão em que ellas se encontram. (...) Não! Uma cidade não pode existir sem o seu bond./.../ Nei sei como podemos viver tanto tempo sem elle! (...) Dentro em pouco, os bonds serão inindicados como um dos mais eficazes agentes therapeuticos para as molestias do systema nervoso. [...] Oh! A ideia de que elles abreviam as distancias e nos levam, commodamente, facilmente, aos nossos lindos arredores: que poderemos, quando nos agrada, passar 30 minutos a uma hora longe dessas feias ruas aplaties e poeirentas. (...) Tudo isto e mais alguma coisa fazem com que amemos grandemente, sinceramente, esses modestos vehiculos (...) com toda sorte de passageiros, com as suas palestras, informações, bisbilhotices, além dos seus conductores e motoristas, tem incontestavelmente a sua função social. /.../ Faz-se, por elle, com facilidade a psychologia de uma população (...).⁶⁰

O bonde assumiu preponderante papel para a população da capital, sendo como imprescindível à implementação de novas sociabilidades, sendo ambiente de encontro entre as pessoas, independente de distinção social ou racial, que seguiriam lado alado, cada uma com seu destino no mesmo itinerário. A vida urbana ficava mais interessante e

⁶⁰ A República. n. 217, p. 01, 1923

enriquecida culturalmente em função de um maior convívio entre as pessoas, o que diminuiu o tédio urbano e a falta de atividades culturais, aspectos tão reclamados pelos cronistas do início do século XX. Henrique Castriciano ressalta o tédio existente em Natal à época como sendo um aspecto de incivilidade do povo, afirmando que no interior há mais sociabilidade que na capital, isto por culpa dos “hábitos excessivamente caseiros” da população.^{61//}

Os bondes intensificavam, também, o movimento e a dinâmica da cidade, ao facilitar o deslocamento rápido de pessoas. A cidade passou a ser vista como espaço de admiração, assim, independente da viagem possuir fins de puro divertimento e passeio, ou de ser o caminho das tarefas diárias, ligadas ao trabalho. Pegar o bonde e percorrer as ruas da cidade proporcionava as pessoas o deleite das paisagens urbanas de Natal.

//Introduzindo a novidade da possibilidade de uma vida noturna se deu com a implementação da iluminação pública, já que a escuridão impedia que a população cultivasse hábitos noturnos. A produção do uso contínuo da luz artificial, representa uma mudança na imagem da cidade. Os postes e os letreiros iluminados alteravam as paisagens noturnas, formulando, como num passe de mágica, uma cidade distinta e sedutora. O que imprime na arquitetura da época novas perspectivas, representadas na busca da transparência com o intuito de unir a iluminação do interior das construções à luz externa, fazendo as construções brilharem, efeito possível a partir da utilização do vidro – outro grande invento da modernidade.^{62//}

As visões das noites iluminadas são traduzidas em novas sensibilidades urbanas. Em função da aproximação entre o dia e a noite e do rompimento dos limites entre o exterior e o interior, as noites iluminadas construíram locais de encontro e fantasia. O fim da escuridão estabelece novos hábitos. Assim, as noites deixam de ter como única utilidade o momento de descanso, de modo que ao invés de serem exclusivamente dormidas passavam a ser vividas, como uma continuação do dia. Nesta perspectiva as saídas a noite são uma invenção da modernidade.

A vida pública nos tempos das “lamparinas” era restrita aos homens, chefes de suas casas e de suas mulheres – esposas, mães e filhas. Era muito raro encontrar uma mulher em passeio pela cidade, à exceção dos dias de missa, nas manhãs de domingo. Enclausuradas

⁶¹ ALBURQUERQUE, José G. *Seleto*. p. 09-11.

⁶² DETHIER, Jean, GUIHEUX, Alain. *Op cit*. p. 50.

elas não se referem ao hábito público.

nos fazeres domésticos, a escuridão das noites perpetuava ainda mais esse isolamento, pois facilitava o rompimento das condutas morais aceitas pela sociedade. Em particular as moças mereciam cuidados especiais, e, por isso, quase nunca saíam de casa. Do mesmo modo, não freqüentavam escolas, nem recebiam qualquer tipo de instrução que não estivesse ligada às prendas domésticas, salvo algumas exceções. Mantendo-se o clima de vigilância, especialmente nas perigosas noites da cidade, em Natal, como registrou um cronista, “as moças dormiam trancadas pela mãe paterna, mal alumiados os escuros aposentos pela chama imota de tosca lamparina escassamente alimentada por mal cheiroso azeite de carrapato.”⁶³

Percebe-se a partir de leituras de poemas e prosas de intelectuais norte-rio-grandenses, que conviveram no início do século XX com uma fase de intensas mudanças físicas e sociais no âmbito urbano, que o positivismo se fazia presente no discurso da intelectualidade da época, revelando-se tanto na produção literária como jornalística. Do mesmo modo também, os ideais iluministas continuavam a influenciar as cabeças pensantes do período, principalmente pela nova perspectiva política do país, de exaltação da liberdade e igualdade entre os povos.

Na literatura dos natalenses de princípios do século XX podem ser observadas comparações que remetem às idéias do período iluminista. Assim como a produção literária está inserida num momento de mudança de perspectiva da literatura, o “modernismo” no início do novo século, assim “a poesia do início do século foi resultado não de uma revolta, mas sim de um desenvolvimento linear do simbolismo do final do século XIX”⁶⁴ Sobre o assunto, ver Alfredo Bosi⁶⁵

Assim pode-se vislumbrar na poesia do período, muitas metáforas que evocam a luz, com diversos sentidos: luz enquanto instrução, liberdade, progresso e trabalho. Todos eles componentes da ideologia libertária que dominou a segunda metade do século XIX. Como neste poema de 1890, de Segundo Wanderley, recitado por ele em comemoração de um dos aniversários de Atheneu Norte-rio-grandense:

SURGE ET AMBULA!

⁶³ SOUZA, Eloy, *Costumes Locais*, p. 18-19.

⁶⁴ HOBBSAWM, Eric J. Op cit, p. 327.;

⁶⁵ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 1994.

*Eu venho aqui admirar somente
 Este concerto juvenil, feliz;
 Eu venho aqui para sentir de perto
 Da mocidade as expansões febris;
 Não me deslumbram principescas festas,
 São fôgos fatuos de letaes paúes;
 Eu amo ouvir um farfalhar de idéas,
 Apraz-me ver o progressão da Luz.*

Nesta primeira estrofe do poema, o poeta utiliza o termo *luz* numa analogia ao progresso. Dando seqüência, ele se vale do termo para dotar de importância o trabalho, como sendo aquele que conduz à glória, o trabalho se associa a progresso. Nesta estrofe o termo *luz* é metaforicamente utilizado enquanto trabalho, ver:

*Julgo o trabalho obrigação sublime,
 Julgo a sciencia divinal dever:
 Precisa o malho p'ra vencer a pedra,
 O pensamento para os cahos vencer;
 Que a tentas glorias immortaes conduz,
 Mesquinho o braço que fugir da arena,
 Maldicto o petio que fugir da Luz.*

A próxima estrofe retoma os conceitos iluministas. É grande a quantidade de jornais que postulam o poder libertador da instrução, incluindo aí a instrução pública. Ao fazer uma comparação entre luz e instrução, o poeta ressalta a importância da instrução para o progresso do país.

*Ao livro, pois, oh mocidade augusta,
 Ao livro todos com sincero afan;
 O livro é germen de fecundas glorias,
 Que a noite muda a divinal manhã;
 Vibre-se o gladio da razão fulgente,
 Deixai que a crença se derrame e flux,
 Antes de morrer combatendo o erro
 Do que viver num paiz sem Luz.*

Na seqüência, a *luz* exprime o advento da República enaltecido pelo poeta como sendo o caminho para o progresso, levantando, ainda, uma crítica ao regime monárquico, associado o tempo das doenças e das sombras..

*Hoje que a patria já não tem senhores,
 Hoje que a patria já não tem mais rei,
 Que a liberdade corrigiu o throno,
 Que a igualdade reformou a lei:
 Cumpre expelir dos corações briosos
 Da ignorancia o deleterio pús;
 Fazer entrar em borbotões no craneo
 Do amor a seiva, do progresso a Luz.*

Na ultima estrofe, o poeta relaciona *luz* à libertação da nação. Exaltando a liberdade como necessária ao futuro da nação.

*Eu vos saúdo, legião sagrada,
 Raios, fecundos de futuros sóes,
 Pleiade hoje de gentis mancebos,
 Mas amanhã constellação de heróes;
 Eu vos saúdo repatindo sempre
 Esta verdade que a razão seduz:
 Para a grandeza assignalar de um seculo
 É necessario – Liberdade e Luz!⁶⁶*

Este poema é um concreto exemplo do uso de metáforas elaboradas a partir da palavra *luz*, dotando-a de inúmeros significados. A *luz* incansavelmente buscada e exaltada neste poema caracteriza o pensamento do final do século XIX, quando o mundo redeu-se ao fascínio pela *luz* e a iluminação tornou-se símbolo de progresso e de representação da cidade na virada do século.⁶⁷

O termo foi enormemente utilizado na produção literária da época, sendo tema inspirador o advento da República, a abolição da escravatura e o ideal de modernidade. Tanto a República como a abolição da escravidão, foram considerados como necessários ao alcance da modernidade e da civilidade, de modo que “A República é a paz, a ordem, a tranqüilidade interna, a harmonia internacional, a civilização e o progresso”⁶⁸. Assim, “o projeto republicano, que recém inaugurado em novembro de 1885, vendia uma imagem de modernidade e a lembrança recente do sistema escravocrata”.⁶⁹

⁶⁶ POMBO, Rocha. Op cit, p. 369.

⁶⁷ ROCHA, Amara. Op. Cit.

⁶⁸ SOUZA, Itamar. Op cit, p. 111.

⁶⁹ COSTA, Angela M., SCHWARCZ, Lilia M. Op cit, p. 11.

Civilização e modernidade convertiam-se em palavras de ordem. A analogia "Luz e Sombra" remete ao iluminismo e a palavra luz, liga-se a progresso e civilização e a segunda, sombra, estaria associada ao atraso e perigo.⁷⁰

No que diz respeito à questão da cidade, incluindo aí a busca de introduzir esses símbolos do progresso a cidade, iluminar Natal tornou-se uma busca incansável da elite. Contudo, as reclamações acerca da situação da cidade de Natal, às escuras, passam a se repetir com freqüência nos jornais desse início de século. As queixas tratam da iluminação como uma necessidade ao progresso da cidade, expressando, ao mesmo tempo o sentido da modernidade buscada na época. Em 1900, uma matéria chama a atenção para o problema dos lampiões:

Chamamos a atenção do Sr. Contratante, da iluminação para as irregularidades com que está sendo feito esse serviço em alguns pontos da cidade. Diversas pessoas se nos tem queixado de não accenderem todos os lampeões nas ruas onde residem, entre essas a rua José Bonifacio, em que quasi todas as noites se dá esse abuso, conforme nos garante testemunha acima de qualquer duvida. Pedimos providencias contra taes faltas⁷¹

Em 1902, quando a iluminação ainda era realizada por lampiões de querosene, um cidadão escreve ao jornal relatando que, como de costume, na noite anterior uma certa quantidade de lampiões não havia sido acesa: "Ainda hontem, não brilhou uma luz sequer, em toda a rua 21 de julho, e não é exagero dizer-se que, todas as noites, deixam de se accender para mais de vinte lampeões."⁷²

No período em que a iluminação era realizada a lampiões de querosene, uma profissão em particular chamou a atenção de poetas e retratistas da época, a antológica figura do acendedor de lampiões, aquele que tinha a digna tarefa de dar a luz as ruas da cidade. Percorria as ruas todas as noites com as varas usadas para levar a chama até os postes, onde estavam fixados os lampiões. Por isso, era ansiosamente esperado sua passagem, já que caso não aparecesse a escuridão entristecia as ruas e as noites da cidade. Assim, os lampiões a querosene deram ensejo a profissões urbanas, hoje desaparecidas, como a do acendedor de lampiões, que recebeu de Jorge de Lima, em 1910, um soneto:

⁷⁰ ROCHA, Amara. Op. cit, p.11.

⁷¹ A Republica, n. 44, p. 02, 1900.

⁷² A Republica, p. 01, 1902

*Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!*

*Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.*

*Triste ironia atroz que o senso humano irrita:
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.*

*Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!*

No período em que a iluminação da cidade era realizada a gás, continuam a aparecer matérias nos jornais com um grande número de queixas relativas ao serviço prestado pela empresa responsável – A empresa de Francisco Valle Miranda. As matérias revelam a ineficácia do serviço e, ao mesmo tempo, sua importância para a população, que demonstrava um certo medo da escuridão, representada pelas trevas, N^o *A Republica*, em 1901, foi publicado: “Pedimos a essa illustre redacção para reclamar providencias ao contractante de iluminação publica no sentido de fazer com que os seus empregados não continuem a deixar nas trevas algumas ruas do bairro baixo, como tem acontecido ultimamente (...)”⁷³

Outras queixas, se davam, também, com uma crítica mais direcionada aos órgãos governamentais e aos empresários responsáveis, são comuns no *Diário do Natal*, o que é significativo de ser observado, pois este grupo da imprensa fazia oposição à situação governamental. Os jornais são reveladores da situação da cidade, e especialmente da situação dos serviços de energia elétrica de Natal. Como nesta matéria intitulada “Cidade às escuras”, relatando falhas dos serviços prestados pela Empresa de Iluminação:

*Desde ante-hontem que tem estado ás escuras esta cidade. Disem que a razão é não haver carboreto no mercado. É imperdoavel que os empresarios da iluminação a acetylene de uma capital – deixem de dar luz por falta de carboreto, quando deviam ter sufficiente e nunca deixar que elle se esgotasse! O clamor, a indignação contra a empresa é geral e legitima*⁷⁴.

⁷³ *A Republica*. n. 126. p.02, 1901

⁷⁴ *Diário do Natal*, n. 3.179, p.01, 1907

Este mesmo tipo de reclamação – acerca da falta de luz na cidade em função da falta de carboreto – se repetem sistematicamente até o dia 29 de abril de 1907. Algumas notas comentaram que a cidade havia ficado 15 dias sem luz por falta do “carboreto”.

As queixas continuam a aparecer no passar dos anos e dos melhoramentos que vão se realizando para a área de serviços elétricos. Mostram-se presentes na era dos lampiões a querosene, do gás acetileno e após a introdução da energia elétrica. Então a modernidade possuía seus deslizos e nem todas as inovações obtinham apoio incondicional da população. Encontram-se de reivindicações acerca da falta de iluminação e referentes ao monopólio dos serviços elétricos, em particular as taxas cobradas pelos serviços, a exploração é propagandeada junto ao anúncio de um novo sistema de iluminação diz-se que tal sistema “liberta os consumidores da hegemonia das companhias de Gaz e Electricidade, o que é uma vantagem contra os seus contractos e processos de exploração”⁷⁵.

As queixas dirigidas aos serviços elétricos de Natal desvelam a simbologia que envolvia a aquisição da energia elétrica, tida como uma inovação tecnológica que introduziria na cidade o estatuto de modernidade, imprimindo um sentido de *Luz* como progresso, enquanto a escuridão passa a ser confundida com o passado, o atraso, formulando medos no imaginário coletivo da população de Natal do início do século. A sombra passou a ser vista como facilitadora da criminalidade e do rompimento com os bons costumes e com a moral.

Nem tudo era só fascínio, as inovações introduzidas na cidade envolveu a população em um clima de medos e desejos. Grande representante simbólica da almejada modernização, a *luz* não pôde aniquilar o medo do desconhecido, do novo. Assim, ao mesmo tempo em que as pessoas ansiavam pelos mecanismos modernos, manifestavam o medo das novidades que a modernidade trazia a vida urbana, a inquietação com as modificações no ritmo e à ordem da vida anterior à eletricidade

Artigos dos jornais de Natal, publicaram inúmeros acidentes ocorridos com o bonde elétrico, alguns com conseqüências lamentáveis. Um desses acidentes está relatado numa matéria intitulada de *Lamentavel Desastre*:

⁷⁵ Diário do Natal, n. 4.187, p. 01, 1911.

Hontem ás 15:00h, ocorreu um lamentavel desastre na Rua do Comercio, sendo a nota dos comentarios da cidade. Foi um esmagamento de um popular pelo tramway da Empresa de Melhoramentos, que fazia um trafego do Circuito Central. O motorista (...), que os guiava, pouco depois de transpor a curva da rua do Comercio com a avenida Augusto Lyra, em frente a mercearia de M. Machado e Companhia, avistou o popular Francisco Jacú que, alheio ao perigo que o ameaçava, surgia sobre o bonde, do beco situado entre o escritorio da casa Julius Von Sohsten e a Inspeçtoria de Obras e Secas. O motorista empregou todo esforço para deter o veiculo (...) foi absolutamente impossivel dar o tempo a contra corrente só podendo parar o bonde quando Jacú tinha sido já alcançado pelas rodas e jazia, sem vida, com varias partes do corpo completamente esmagadas.⁷⁶

De forma repentina, então, o bonde surgia e causava o acidente, as pessoas tinham que reaprender a andar pela cidade, que agora possuía espaços distintos para pedestres e meios de transporte.

Em função dos acidentes, como o citado acima (ver figura 2.2), o bonde passou a ter um lado perigoso, que poderia inclusive tirar uma vida, revelando, um “caráter quase sanguinário do novo meio de transporte”⁷⁷. Assim, aquilo que tanto seduzia passou a suscitar emoções contraditórias. Continuava a ser visto como essencial, pois nem mesmo quando causou a morte de pessoas o seu fim foi questionado, pelo contrário, a necessidade de melhorar os serviços foram exaltadas nesses momentos, incluindo reivindicações de que garantissem segurança aos passageiros.

Os relatos de acidentes sempre vinham seguidos de pedidos de melhoramentos e indignação perante os incidentes desastrosos ocorridos com o bonde, como pode ser observado neste relato:

Ante-hontem (...) descia pela Avenida Junqueira Ayres um Bonde em vertiginosa disparada sem dar pelo break.

Os passageiros temendo que o carro fosse arrebentar-se lá embaixo, na Ribeira, alarmaram-se e muitos saltaram, cahindo diversos que feriram-se. O Bonde, porém, parou em frente á Capitania de Porto por ter cahido um burro, impedindo o seu movimento, e só devido a isto se deve talvez não ter havido alguma desgraça a lamentar. (...).

Não é a primeira vez que bondes disparam na ladeira, sem dar pelo break, pondo em risco a vida dos passageiros.

E' preciso que a gerencia da Companhia providencie em ordem a que não se repita mais o facto não deixando trafegar carros imprestaveis, tendo os breaks inutilizados, sem poderem funcionar.⁷⁸

⁷⁶ A Republica, n. 29, p. 8, 1912.

⁷⁷ ROCHA, Amara. Op cit, p. 13.

⁷⁸ Diario do Natal, n. 4.209, p. 01, 1911

Ver a avenida Junqueira Aires, o principal elo de ligação entre a Cidade Alta e a Ribeira, com de destaque em seus trilhos o bonde na descida do relatado acidente:



Figura 4.1: Percurso de descida dos bondes na avenida Junqueira Aires.
Fonte: DANTAS, 1998.

Apresentava-se assim, em Natal, uma situação com uma

*incidência de representações contraditórias quanto aos elétricos se por uma lado, a atração pela novidade tecnológica que eles representam como 'heróis' da modernidade, (...) capazes de proporcionar uma vida mais cômoda, dinâmica e veloz. De outro, a repulsa generalizada (...) aos perigos desta modernidade, cujo contato cotidiano poderia causar a morte e o flagelo*⁷⁹

O bonde elétrico – produto da eletricidade – não era o único a causar temor na população: a própria energia elétrica, também foi vista como algo perigoso e que poderia pôr em risco a vida da população. Pois “A mesma luz elétrica que movia os bondes e tirava as cidades da escuridão, promovia acidentes; choques às vezes fatais”⁸⁰, o choque era

⁷⁹ ROCHA, Amara. Op cit, p. 13

⁸⁰ COSTA, Ângela. Op cit, p. 11

também uma novidade da modernidade, porém esta não tinha nada de fascinante, era um perigo eminente que havia invadido o cotidiano das pessoas, e interferiu nos seus hábitos mais corriqueiros, como nas brincadeiras de crianças, como mostra o trecho a seguir:

Hontem (...) deu-se um acidente--na Empreza--de Melhoramentos que revestiu-se de serias circunstancias. O menor Jose Janini que brincava na rua Pedro Soares teve a lamentavel imprudencia de estender os folguedos ate os acumuladores electricos daquela via publica, conseguindo introduzir um arame atravez da caixa metalica que o resguarda.

Houve imediatamente a interrupção da corrente, queimando-se os arames conductores de electricidade e arrebentado-se as polias do motor que funcionava na Usina do Oitizeiro. Com o inesperado choque, do qual poderia ter resultado gravissimas e funestras consequencias, estabeleceu-se alem das diversas avarias na aparelhagem electricas, ferimentos de tres operarios. O menor Janini tambem saiu com o dedo ferido. O serviço de tracção ficou paralisado durante duas horas (...) o delegado encarregado (...) procedeu de conformidade com a gravidade do caso, tomando energicas medidas a respeito. Em vista deste e de outros factos que se tem dado nesta cidade, relativamente a tracção electrica.⁸¹

A eletricidade trouxe consigo situações de perigo. As pessoas passaram a conviver com a expectativa de incidentes infelizes em torno da energia elétrica, seja por falta de cautela do usuário ou por incompetência da empresa prestadora do serviço. Em consequência, “Uma ameaça ronda (...): do prazer do sublime nasce sempre o medo. A sensação de perigo iminente tornou-se muito forte sob os impactos da modernidade”⁸². É comum encontrar nos periódicos locais, relatos de preocupação da população com as ameaças das inovações introduzidas ao meio urbano: “Os habitantes do Alecrim estão justamente alarmados com a expectativa de um possível desastre no bonde que serve aquele bairro (...)”⁸³.

O progresso, representado pela energia elétrica, devia vir junto a segurança dos indivíduos. A empresa, constantemente responsabilizada pelos transtornos causados pela moderna fonte de energia cuja a utilização era imprescindível, era acusada de a incompetência, pois demonstrava maior preocupação com o embelezamento da infraestrutura dos serviços elétricos, que com a segurança que deveria oferecer aos consumidores:

⁸¹ A Republica, n. 32, p. 24, 1912.

⁸² HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma*, p. 100

⁸³ A Republica, n. 51, p. 07, 1914.

A empreza do sr. Valle Miranda, que por ahi chamam de Melhoramentos, há dias entendeu que devia. Pôr, na linha de Monte Petrópolis, uns postes originaes: eram os trilhos velhos, todos estragados pela ferrugem, porque esta é um facto poderoso no progresso da terra.

Resultado: os trilhos não agüentaram o peso do arame e, si por um milagre allemão elle se sustentar, temos um verdadeiro 'perigo emminente' ameaçando de morte bondes, passageiros e tudo. Viva o progresso!⁸⁴

Conferir a linha do Monte Petrópolis:



Figura 4.2: O bonde na linha do Monte Petrópolis.
Fonte: DANAS, 1998.

No jornal *A Imprensa* a escuridão aparece como causadora do perigo, como facilitadora da desordem, assim o moradores do Alecrim “pedem (...) para mandar botar uma lampada em cada poste de parada daquela linha em vista das dificuldades que se têm as famílias de tomar os bondes. (...) em noites de escuro, em logares cheios de buracos, é um verdadeiro martyrio se tomar bond (...)”⁸⁵. Também são encontradas queixas direcionadas aos bondes, traduzindo a insegurança da população, em relação a esse invento sofisticado, mas de funcionamento precário. Por isso, o jornal o intitula de “ex-bonde”:

⁸⁴ Diário do Natal, n. 4.473, p. 01, 1912.

⁸⁵ A Imprensa, n. 461, p. 01, 1916.

*Ainda rola pelos trilhos gastos e cahidos da linha do tyrol, é uma calamidade, que nem o diabo, (...) se lembraria de mandar a esse mundo sub-mar. (...) machina infernal, que despara toda a vez que a triste, (...) e gemebunda caranguijola, tem de fazer alto, e, em desparada todo elle se agita numa trepidação horrível que saccode os nervos mais sadios (...)*⁸⁶

Os serviços elétricos no final da década de 1910, como se vê, não satisfaziam os desejos da população. O progresso também trazia preocupações, nem todos os aspectos da vida moderna satisfaziam, a eletricidade foi sedução mas também foi medo.

A idéia do início do século de que o progresso promoveria o bem-estar social, faliu com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. E as novidades aos poucos revelaram que não eram uma maravilha sem precedentes: o bonde elétrico, antes símbolo de progresso, agora tido como “indecentes e imprestáveis que ainda se arrastam, mercê de Deus, (...) não merece a menor confiança”⁸⁷. Enquanto a energia elétrica, perde sua encantadora magia, ligada as festas, assumindo uma importância relacionada à força capaz de mover a indústria e a economia.

⁸⁶ A Imprensa, n. 530, p. 01, 1916.

⁸⁷ A Imprensa, n. 531, p. 01, 1916.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As limitações encontradas na pesquisa empreendida para a elaboração deste trabalho, envolvem inicialmente questões referentes a notória dificuldade da falta de registro documental, dos arquivos em nossa Cidade, quando encontramos o documento tão ansiosamente procurado, muitas vezes nos deparamos com tal precariedade, que suas condições físicas impedem a consulta. A situação se agrava quando, pelos mais diversos motivos, o acesso aos arquivos da cidade lhe é negado, a detenção da informação e apropriação de documentos pode ser encarado como uma postura dos responsáveis pelos arquivos que dificulta a produção de pesquisas históricas. Um redimensionamento e reorganização do papel dos arquivos do estado, é fundamental ao desenvolvimento das ciências humanas.

Um outro fator preponderante, ainda relacionado as fontes, e que foi motivo de inquietação no decorrer da pesquisa, era descobrir em que tipo de documentos poderia buscar as “falas” das pessoas comuns, trabalhadores cujas as tarefas diárias e o descanso ao anoitecer de volta em suas residências moldava o seu cotidiano. Pessoas que não almejavam e nem sequer conheciam ideais de modernidade, em sua maioria não sabiam ao menos ler. Para estas pessoas, a luz artificial das lâmpadas deve ter tido um enorme poder de sedução, como uma verdadeira magia, pois a inovação representava de fato o novo, não existindo referencial de comparação que desviasse o vislumbre am torno da eletricidade. De fato, neste ponto ficamos apenas, no âmbito da hipótese, já que, desvendar as opiniões destas pessoas, que não tinham acesso aos meios de comunicações é uma dificuldade real da pesquisa histórica. Portanto, a história aqui relatada é baseado nos documentos fabricados e conservados por uma única classe, a elite.

Em Natal a energia elétrica não surgiu como uma necessidade de desenvolvimento industrial e sim envolta de uma valorização da eletricidade, enquanto invenção moderna e progressista, no intuito de embelezar a cidade a partir de uma estética tecnicista e que promoveria a funcionalidade da cidade em um ritmo dinâmico e veloz.

A cidade não possuía unicamente necessidades de correções de ordem estética e funcional, mas também problemas sociais. Para a elite da época a cidade tinha que ser modernizada e progressista e os espaços públicos transformados em benefícios das classes majoritárias, através de um urbanismo modernizador.

Um dos aspectos que a eletricidade introduz na cidade é valorização do espaço, influenciando na apropriação do uso do solo e, ampliando as possibilidades de uso dos espaços urbanos em função da nova imagem da cidade que a cidade assumiu a noite, tornando-se centro de atração e de lazer. A energia que transformando o dia em noite, mudou os hábitos das pessoas e aumentou a sociabilidade das pessoas, imprimi no meio urbano novas necessidades, como cinemas e ambientes de passeio noturnos, alterando a forma física da cidade.

Afinal, a cidade não se configura unicamente por corpo físico de concreto e paisagens, ela se constitui, também como o espaço das ações humanas, assim é movimento e comportamento das pessoas pelas ruas, que promove a vida da cidade. E portanto, a cidade se reconstrói a partir dos desejos e dos atos humanos, sua forma é imposta pelos anseios e invenções do homem. A eletricidade é um dos inventos que agiu introduzindo novas formas de viver no espaço urbano, alterando comportamentos e horários das pessoas e, moldando um novo cenário para a cidade.

As considerações pertinentes ao trabalho, referem-se a questões que foram levantadas na elaboração do trabalho e que permearão o posterior desenvolvimento da pesquisa, que dará continuidade ao tema, na busca de elucidar o significado da introdução da eletricidade na cidade de Natal e qual o impacto deste melhoramento para a população, como para a cidade.

Espera-se que este estudo forneça uma contribuição à história da cidade de Natal e que possa abrir caminho para realização de outras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

01. ANDRADE, Alenuska K. G., OLIVEIRA, Manuela D. de, FERREIRA, Angela Lúcia de A. Os hábitos de higiene e a “cidade moderna”. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 54., 2002. *Anais ...* Goiânia: SBPC, 2002. 1 CD-ROM.
02. ARRAIS, Raimundo Pereira A. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. 2001. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, 2001.
03. BIBLIOTECA DE ARTE. **Os Impressionistas. Pissarro**. São Paulo: ed. Três, 1973.
04. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
05. BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de república: Idéias e práticas políticas no Rio de Grande do Norte (1880-1895)**. 1999. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife, 1999.
06. BENJAMIM, Walter. **Paris, Capital do século XIX. Espaços & Debates: revista de estudos regionais e urbanos**. São Paulo, ano 4, n. 11, p. 05-13, 1984.
07. CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
08. CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade de Natal**. 3.ed. Natal: RN Econômico, 1999.
09. COSTA, Madsleine Leandro da. **Natal quando a modernidade vinha de bonde: o bonde e o seu papel dentro do crescimento físico de Natal**. 1988. Monografia (Graduação em Arquitetura) – UFRN, Natal, 1998.
10. COSTA, Angela M., SCHWARCZ, Lilia M. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
11. DANTAS, George Alexandre F. **Natal, “caes da Europa”**: o plano geral de sistematização no contexto de modernização da cidade (1929-1930). 1988. Monografia (Graduação em Arquitetura) – UFRN, Natal, 1998.
12. DANTAS, George Alexandre F. **Natal, linhas convulsas e tortuosas retificações: transformações urbanas nos anos 1920**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – EESC / USP, São Paulo, 2003. cap. 1.
13. FERREIRA, Angela Lúcia de A.; DANTAS, George Alexandre F.; EDUARDO, Anna Rachel B.; DANTAS, Ana Caroline de C. L. **Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal (1889-1969)**. (no prelo).
14. HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasmas: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

15. HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
16. LYRA, Carlos. **Natal através do tempo**. Natal: Sebo Vermelho, 2001.
17. MAGALHÃES, Gildo. **Força e luz: eletricidade e modernização na República Velha**. São Paulo: UNESP, 2000.
18. MEMÓRIA DA ELETRICIDADE. **Reflexos da Cidade**. Rio de Janeiro, 1999.
19. MIRANDA, João Maurício Fernandes de. **380 anos de história foto-gráfica de Natal, 1599 - 1979**. Natal, UFRN: Universitária, 1981.
20. MORA, Alfonso Álvarez. Problemas de investigación en "História urbanística". **História Urbana**, Valência, n. 1, 1992, p. 83 - 102.
21. NOVAIS, Fernando A.(Coord.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V. 3, : República: da Belle époque à era dos rádio.
22. OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **A elite política e as transformações no espaço urbano: Natal - 1889 a 1914**. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Depto. de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 1997.
23. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.
24. POMBO, Rocha. **História do Estado do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil. 1922.
25. RONCAYOLO, Marcel. Transfiguraciones nocturnas de la ciudad. In: DETHIER, Jean, GUIHEUX, Alain. **Visiones Urbanas: Europa 1987 - 1993: La ciudad del artistas: La ciudad del arquitetos**. Madrid: Centre de Cultura Contemporània de Barcelona: Sociedad Editorial Electa Espana. 1994.
26. ROCHA, Amara Silva de S. A sedução da luz: Eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque. **Revista de História Regional**. Vol. 2. n. 2. 1997. (endereço eletrônico).
27. SANTOS, Enilson M. dos; QUEIROZ, Luiz Alessandro C. **Transportes e expansão Urbana: O caso dos Bondes em Natal**. Recife: VIII ANPET - Congresso de Pesquisa e Ensino em Transportes. 1994.
28. SOUZA, Eloy de. **Costumes Locais**. Natal: Verbo; Sebo Vermelho. 1999.
29. SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930**. Brasília: Centro Gráfico do Senado. 1989.
30. SOUZA, Henrique Castriçiano. Aspectos Natalenses. In: ALBURQUERQUE, José G. **Seleta**. Natal: s/editora. 1993. p. 09-11.

31. TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: Origens do capital estrangeiro no Brasil.** Natal: Editora Universitária da UFRN. 1995.
32. VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP. 1998.

FONTES:

01. **DECRETO** de lei, Natal. 1905.
02. **DECRETO** de lei, Natal. 1910
03. **DECRETO** de lei, Natal. 1911
04. **DECRETO** de lei, Natal. 1913
05. **DECRETO** de lei, Natal. 1916
06. **DIARIO DO NATAL**, Natal. 1900 – 1920.
07. **A IMPRENSA**, Natal. 1916.
08. **A IMPRENSA**, Natal. 1919.
09. **A REPUBLICA**, Natal. 1900 – 1920.